

# 2 | POLÍTICA

## TEMA DO DIA // REPRESSÃO

CORREIO BRAZILIENSE

BRÁSILIA, DOMINGO, 21 DE NOVEMBRO DE 2004

Editor: Oswaldo Buarim Jr. // [oswaldo.buarim@correioweb.com.br](mailto:oswaldo.buarim@correioweb.com.br)  
Subeditores: José Carlos Vieira, Leonardo Cavalcanti e Robson Barenho

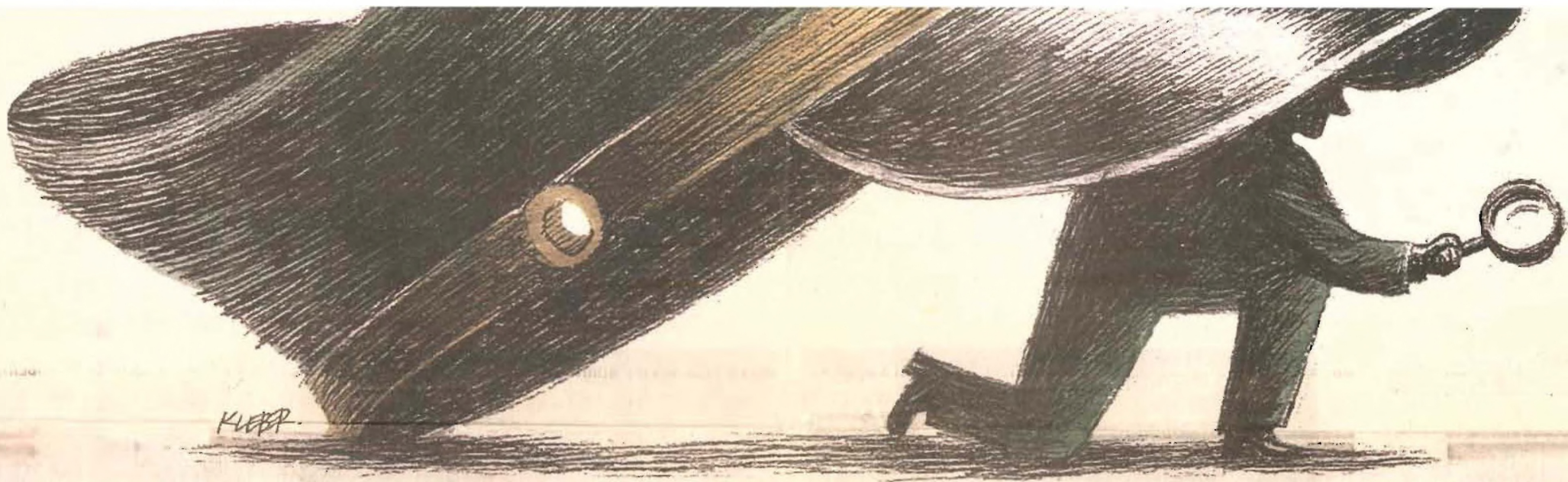
Coordenadora: Erica Andrade  
e-mail: [politica@correioweb.com.br](mailto:politica@correioweb.com.br)  
Tels. 214-1104 • 214-1186 • fax: 214-1155

“ UMA ATIVIDADE SEXUAL DESREGRADA E QUASE GRUPAL DEMONSTRA O INTERESSE EM  
UTILIZAR A CORRUPÇÃO DOS COSTUMES COMO AUXILIAR DO BINÔMIO TÓXICO-SUBVERSÃO ”

*Trecho do relatório do Exército sobre os estudantes da UnB em 1973*

Documento obtido pelo  
*Correio* revela a visão que os  
militares tinham dos  
estudantes na década de 70:  
“subversivos, drogados,  
pederastas e homossexuais”





# A UnB vigiada

SANDRO LIMA E LILIAN TAHAN

DA EQUIPE DO CORREIO

**N**um esforço de argumentação contra a abertura dos arquivos da repressão na ditadura militar, o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, general Jorge Armando Félix, disse que a exposição dos documentos poderia criar situações constrangedoras para os envolvidos. “Tem gente que naquela época estava na clandestinidade, tinha outra mulher e hoje está com a antiga. Se isso aparecer você pode destruir uma família. Tem os companheiros que entregaram, está escrito ali”, disse Félix em entrevista à *Folha de S. Paulo*. “Não há nada bonito ali”, concluiu.

A julgar por um documento obtido pelo *Correio* sobre a atividade dos estudantes da Universidade

Tadashi Nakagomi/CBPress/25/07/1977



MILITARES OCUPAM O MINHOÇÃO DA UnB EM JULHO DE 1977: AÇÕES DO EXÉRCITO ERAM ROTINA NA UNIVERSIDADE

## Pequenos gurus

Além dos 33 estudantes que tiveram a vida dissecada pelo *Relatório Especial de Informação* número 3 de 1973 elaborado pelo Comando Militar do Planalto, são citados uma série de outros jovens que tiveram os passos monitorados por terem influenciado de alguma forma na formação ideológica de colegas contra o regime militar. São pequenos gurus, que indicavam livros e estudos. Entre eles, está a jornalista Miriam Leitão.

O relatório diz que Miriam escrevera de Vitória dando notícias dos trabalhos que estavam sendo realizados no movimento estudantil no Espírito Santo e a organização da regional do PCdoB no estado. O documento registra que a jornalista enviava exemplares do jornal *Classe Operária* para os estudantes de Brasília e também diz que ela se queixava do grupo que, em Brasília, não estava realizando “nada de concreto”.

**N**um esforço de argumentação contra a abertura dos arquivos da repressão na ditadura militar, o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, general Jorge Armando Félix, disse que a exposição dos documentos poderia criar situações constrangedoras para os envolvidos. "Tem gente que naquela época estava na clandestinidade, tinha outra mulher e hoje está com a antiga. Se isso aparecer você pode destruir uma família. Tem os companheiros que entregaram, está escrito ali", disse Félix em entrevista à *Folha de S. Paulo*. "Não há nada bonito ali", concluiu.

A julgar por um documento obtido pelo Correio sobre a atividade dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB) na década de 1970, realmente "não há nada bonito ali". No papel, os militares valem-se de adjetivos preconceituosos para classificar os estudantes: eles são divididos em "subversivos", "drogados", "pederastas" e "homossexuais".

Um dos episódios marcantes da história brasileira, a repressão da ditadura contra os estudantes da UnB na década de 1970, foi fartamente documentado pelo Comando Militar do Planalto. O papel obtido pelo Correio foi produzido em setembro de 1973. Trata da "infiltração subversiva no meio universitário de Brasília". Assinado pelo general de Divisão Olavo Viana Moog — que também participou da repressão à Guerrilha do Araguaia —, a papelada relata a espionagem feita pelos militares nas repúblicas estudantis e a prisão de 33 alunos da UnB.

O documento foi descoberto em 1985 pelo então reitor da UnB, Cristovam Buarque, que acabava de assumir o cargo. O texto estava no cofre da reitoria e foi entregue ao jornalista Romário Schettino, um dos 33 alunos presos e citados no relatório. O antecessor de Cristovam na reitoria, o então capitão de Mar-e-Guerra José Carlos Azevedo, disse que "não conhece o documento e não sabe do que se trata". De acordo com Azevedo, não havia investigação contra os alunos da UnB.

Algumas pessoas citadas no documento, como os jornalistas Ribamar Oliveira, Armado Rollemberg e Miriam Leitão, foram procuradas e confirmaram as espionagem e as prisões executadas em



**MILITARES OCUPAM O MINHOÇÃO DA UnB EM JULHO DE 1977: AÇÕES DO EXÉRCITO ERAM ROTINA NA UNIVERSIDADE**

1973. Romário Schettino guardou os papéis por 18 anos e somente agora decidiu divulgá-lo. "Este é um tema doloroso, e por muito tempo achei que não valia a pena repisar o assunto, mas mudei de idéia porque acho que cobrar do Estado essa responsabilidade é uma maneira de exigir que essa violência não se repita", disse Romário.

### **Sexo e drogas**

A julgar pelo relatório do Exército, os estudantes da UnB viviam quase como bichos. "O baixo índice de higiene em que vivem nas repúblicas, o aspecto pessoal de muitos estudantes sujos, barbu-dos e cabeludos — aliado ao relaxamento das convenções sociais e morais, a incidência dos pederastas, a atividade fotográfica como arte deturpada para o erotismo e, em alguns casos, uma atividade sexual desregrada e quase grupal demonstra o interesse em utilizar a corrupção dos costumes como auxiliar do binômio tóxico-subversão", filosofa o general Moog.

No documento, a vida dos 33 alunos presos é esmiuçada nos mínimos detalhes. Os militares conheciam toda a rotina dos estudantes, quais locais frequentavam, quais eram as suas amizades e com quem se relacionavam. São citadas as repúblicas da quadra 10 do Sobradinho, da 408 norte, da 409 Sul, da 312 Norte e da 513 Sul.

Em um trecho do documento, os militares ava-

liam que "a acentuada presença dos alunos da UnB no quadro dos viciados e subversivos é um problema que merece maior atenção e, ao que tudo indica, clama por urgentes providências". Uma destas medidas foi a prisão conjunta dos 33 calouros. Outra medida tomada contra os estudantes foi o confisco de livros. O documento relata que foram apreendidos centenas de obras sobre Marx nas diversas repúblicas revistas. Mas os militares apreenderam também exemplares da revista *Rolling Stone*, uma publicação americana que nada tem de subversiva: é apenas especializada em música.

Alguns estudantes foram liberados no dia seguinte, mas outros ficaram presos por vários dias e foram torturados.

Segundo Schettino, atualmente presidente do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, após ter sido liberado, uma pessoa que se dizia coronel foi a sua casa recomendar que ele saísse do Brasil pois não era bem visto pelo regime militar. Este mesmo coronel, de acordo com Schettino, foi a residências e repúblicas de outros estudantes fazer a mesma recomendação. Muitos deixaram o Brasil, como Schettino, que foi para a França. Alguns dos 33 estudantes presos ganharam na Justiça o direito a indenizações. Schettino ingressou este ano com uma ação pedindo reparação.

da pelo *Relatório Especial de Informação* número 3 de 1973 elaborado pelo Comando Militar do Planalto, são citados uma série de outros jovens que tiveram os passos monitorados por terem influenciado de alguma forma na formação ideológica de colegas contra o regime militar. São pequenos gurus, que indicavam livros e estudos. Entre eles, está a jornalista Miriam Leitão.

O relatório diz que Miriam escrevera de Vitória dando notícias dos trabalhos que estavam sendo realizados no movimento estudantil no Espírito Santo e a organização da regional do PCdoB no estado. O documento registra que a jornalista enviava exemplares do jornal *Classe Operária* para os estudantes de Brasília e também diz que ela se queixava do grupo que, em Brasília, não estava realizando "nada de concreto".

Ao saber da existência do documento, Miriam Leitão disse que à época as atividades naturais da juventude, como a busca por liderança, eram tidas pelos militares do regime como atitudes ameaçadoras. Por isso, as investigações minuciosas de tantos estudantes. "Eles me acusam de ter amigos, qual o perigo que existe nisso?", indaga.

O atual chefe de comunicação da presidência do Senado Federal, jornalista Armando Rollemberg, também é citado no documento. Ele é identificado como um dos chefes do jornal *Tribuna* e classificado pelos militares como um "esquerdista, viciado, e que já tem sido citado como vendedor de maconha para alguns colegas da faculdade de Comunicação da UnB".

"Isso é um disparate, um absurdo, esses documentos demonstram a qualidade das informações que eles (*os militares*) conseguiam sobre a gente", disse, desmentindo os fatos relatados. Armando lembra que na época chegou a ser preso e foi vítima de sessões de tortura com choques. Então repórter da revista *Veja*, Armando foi preso por manter fontes consideradas de esquerda pelo regime.

Para o senador Cristovam Buarque (PT-DF), que descobriu os documentos sobre espionagem na UnB, a declaração de Félix representa uma "chantagem" e demonstra ser necessária a abertura dos arquivos. "Ele (*Félix*) levantou suspeitas contra todos os esquerdistas. Isso é muito grave", afirmou o senador.

**COLABOROU EUMANO SILVA**